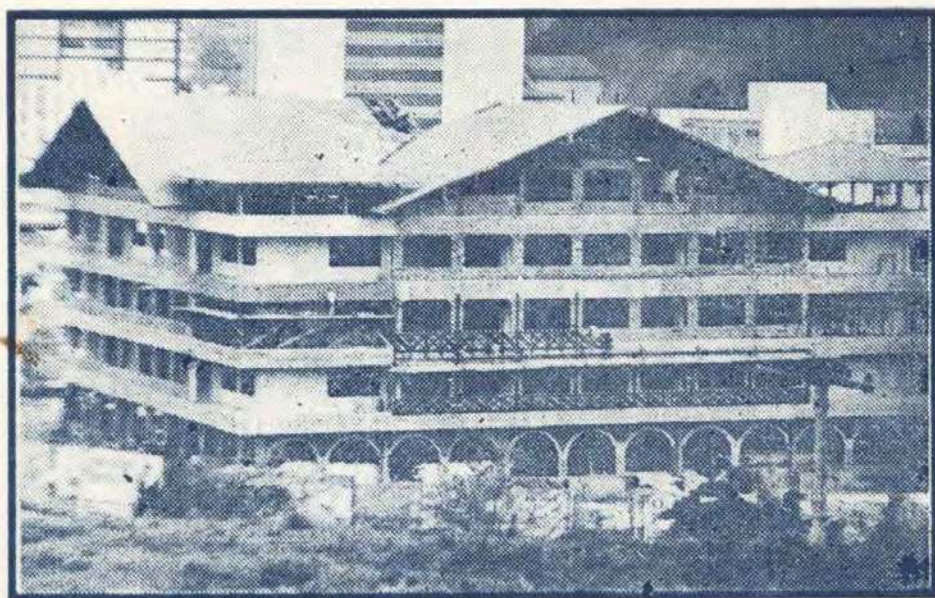


BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XXII

Nº. 1

Janeiro de 1981

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Clatarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXII

Janeiro de 1981

Nº 1

S U M Á R I O

Página

A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA:	2
EXCURSÃO CULTURAL A TRENTO - ITALIA - I	4
GUSTAVO KRIEGER	5
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	9
TIPOS ORIGINAIS DE BLUMENAU	20
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	21
CRÔNICA DA FAMÍLIA LAUTH	23
ACONTECEU ...NOVEMBRO DE 1980	24
VOCÊ SABIA?	31
REVELAÇÕES DO ARQUIVO HISTÓRICO DE BLUMENAU ..	32

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 200,00

Número avulso Cr\$ 20,00 -- Atrasado Cr\$ 30,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 200,00 mais o porte Cr\$ 150,00 total Cr\$ 350,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — Maquete do novo prédio da Prefeitura de Blumenau, cujas obras acham-se bem adiantadas, devendo ser concluídas ainda neste ano de 1981.

A História de Blumenau revela:

O PRIMEIRO EMPRÉSTIMO

“Quarta Secção. — Rio de Janeiro — Ministério dos Negócios do Império, em 15 de março de 1859.

Ilmo. e Exmo. Snr. — Havendo oficiado a V. Excia. em data de 21 de fevereiro do ano passado afim de adiantar-se no Tesouro Nacional ao Doutor Hermann Blumenau a quantia de dez contos de réis para despesas de importação de 200 colonos alemães, com os quais pretende fundar uma colônia nas terras de sua propriedade à margem do rio Itajaí-Grande, na Província de Sta. Catarina, devendo ele no ato de receber a citada quantia, aceitar Letras pela sua importância, a 2, 3 e quatro anos, segundo o Contrato, cuja cópia então se enviou a V. Excia.:

Rogo a V. Excia. se digne de expedir as convenientes ordens, para que se prorroguem por mais dois anos os prazos de vencimento das referidas Letras que o dito empresário aceitou, isto é, para os anos de 1855, 1856 e 1857.

Deus Guarde V. Excia. — (assinado) — Visconde de Mont'Allegre. — Ao Sr. Joaquim José Rodrigues Tavares”.

*

OCORRÊNCIAS NA COLÔNIA

“Colônia Blumenau — 1862. — Ocorrências do mês de julho. — Quatro nascimentos de pais protestantes. — Quatro casamentos protestantes. — Nenhum óbito.

— Nas noites de 14, 15 e 16, se deu um intenso frio que, rebaixando a temperatura até 2,5 graus abaixo de 0, produziu gelo até a grossura de um dedo, causou gravíssimos estragos na maior parte das plantações e sobretudo nas cafezais e canaviais. Sendo tal frio inaudito desde muitos anos, os seus estragos se estenderam até a beira mar e foram no Itajaí-Mirim e na Colônia Brusque ainda maior sensíveis do que no vale do Itajaí-Grande e nesta Colônia.

— Dia 27 chegaram quatro colonos por via do Desterro.

Mês de agosto

Três (3) nascimentos de pais protestantes.

Quatro (4) casamentos de protestantes.

Dois (2) óbitos, sendo um de uma criança e outro de um homem que se afogou por descuido ou infortunio.

Em 14 do mês, chegaram de Hamburgo 137 colonos, resto de 139 que ali foram embarcados e dos quais morreram em viagem dois inocentes.

Em 22 entraram mais 33 colonos vindos por via do Desterro.
(Em 22 de junho haviam entrado pela mesma via 71 colonos).

*

N. B. — Os dados estatísticos sobre a população não são senão aproximativos e nunca podem ser exatos enquanto não for ordenado ao vigário da Freguezia de São Pedro Apóstolo, de infalivelmente no principio de cada mês me participar as ocorrências havidas entre a população católica e constantes dos seus registros sobre o mês antecedente, ou melhor, enquanto a população em geral não ficar constangida a participar à autoridade judicial todas as mudanças no estado das suas famílias. — Colônia Blumenau, 3 de setembro de 1862. — O Diretor — Dr. H. B. O. Blumenau”.

*

Mês de Outubro

Nascimentos: Dois (2) do sexo masculino; três (3) do sexo feminino. Casamentos: Três

Óbitos Um — de um recém-nascido, um (1) de um homem que por infortúnio ou descuido se afogou no rio. Um (1) de um homem que se suicidou, enforcando-se no mato, e tinha chegado com o barco “Franklin” em estado de quase loucura, que logo se destacou com o delirium tremens dos beberrões. O infeliz aproveitou um intervalo havido para se ausentar para o mato, aonde logo foi achado já em estado de putrefação, tendo deixado na sua antiga pátria mulher com oito filhos!

*

— Na noite do dia 6, irrompeu uma fortissima trovoada que com chuva torrencial durou até o seguinte dia, subindo o rio no mesmo dia com aterradora rapidez e alcançando a maior altura no dia 9, altura que apenas cedeu à terrível enchente de novembro de 1855. Tendo as águas um pouco baixado no dia 10, subiram de novo em consequência de novas chuvas torrenciais até à anterior altura, não baixando pouco a pouco senão do dia 14 em diante e conservando-se ainda todo o mês acima do nivel ordinário.

Os estragos desta forte enchente foram muito consideráveis, tanto na propriedade pública, como pontes, bueiros, estradas e caminhos, como na particular, sendo destruidas inúmeras plantações e prejudicadas muitas casas e casinhas. — Colônia Elumenau, em 17 de novembro de 1862. -- O Diretor — Dr. H. B. O. Blumenau”.

Excursão Cultural a Trento - Itália - I

P. Victor Vicenzi

Uma doce recordação ficou gravada no coração de um grupo de oito pessoas, quando da visita realizada no mês de setembro à Trento, pátria dos imigrantes trentinos de Rio dos Cedros, Rodeio, Nova Trento, Ascurra e outros centros do estado de Santa Catarina.

Esses imigrantes se lembravam saudosos daquela terra montanhosa onde nasceram. Entretanto, apesar do que eles transmitiam de viva voz aos seus pósteros, a realidade ficava aquém daquilo que se possa imaginar.

Um sentido de admiração penetrou profundamente na alma da representação catarinense, por aquela terra desconhecida, mas que parecia familiar por tudo aquilo que dela se ouviu dizer.

As montanhas rochosas, os lagos azuis de águas cristalinas, o perfume das coníferas, as neves eternas, as vilas típicas. Ver os lugares e as casas de onde saíram milhares de famílias a procura de melhores formas de subsistência, infundiram em todos uma sensação de nova vida.

Assim se compreendem as saudades que envolviam, também, os imigrantes trentinos, por uma região do globo, que se distingue das outras, pela autonomia conseguida através de ingentes sacrifícios e pela vontade férrea dos seus habitantes, que progredem sempre mais para uma economia e uma política estáveis.

A cidade de Trento é a capital característica da Província, testemunho de fatos históricos, conhecidos antes mesmo do tempo do Império Romano.

Trento é um chamado ativo para o turismo, tanto no inverno como no verão. Parece ser a terra mais linda que se possa ver. Por isso ela proporciona um sentido de alegria e de lazer, que nunca mais se poderá esquecer.

Éramos oito pessoas: Eu, P. Victor Vicenzi, Dr. Telmo Nunes Bastos e senhora, Dr. Flávio Betti e senhora, Prof. Iracema Moser, Prof. Maria Karin Schmidt e Jaime Fiamoncini, animados em realizar uma excursão cultural a Trento e Itália. No dia 22 de setembro, às 8.30 h, o avião da Varig, decolou lotado, do aeroporto de Navegantes ao Rio de Janeiro, com escala em São Paulo.

Às 22 h., no aeroporto Internacional do Galeão do Rio, o possante DC 10, também da Varig, decolava, por sua vez, com cerca de 300 passageiros à bordo, direto, sem escala, com destino a Milão, voando a uma altitude de 10.500 m. A viagem transcorreu normal, pelo espaço de 11 horas, num percurso de 13.000 Km.

Das janelinhas do avião, avistava-se, ao amanhecer, o Continente Africano. Entramos sobre a região desértica do Saara. Atra-

vessamos o mar Mediterrâneo e seguimos a costa ocidental da Itália. Ao longe descortinava-se a Península Ibérica — Portugal, Espanha e França. Já nas proximidades de Milão, podia-se ver em distância, a Cordilheira dos Alpes, em parte cobertos de neves perpétuas.

Em Milão, uma comitiva semi-oficial, vinda de Trento, esperava a representação catarinense. A distância entre Milão e Trento é de 280 Km. Percorrendo a auto-estrada de 8 pistas, com uma velocidade média de 120 km hora, os excursionistas, depois de deixar a Província de Milão, atravessaram as Províncias de Bréscia, Cremona, Verona para em seguida entrar na de Trento. No percurso foi possível admirar uma imensa planície cultivada, centenas de vilas, povoados, cidades, castelos, casas típicas envelhecidas pelo tempo e uma exuberante natureza.

Finalmente Riva di Garda, primeira cidade de Trento. Lago e Riva, formam um centro turístico mundial. Aí já se erguem os primeiros contrafortes dos Alpes, emoldurando o Lago e a cidade por uma imensa coroa rochosa. Subindo por entre escarpadas montanhas, atravessa-se, em seguida, Ala, Acquaviva, Matarello e dezenas de vilas, até Trento, ponto final do objetivo traçado. Aí a comitiva era esperada por autoridades civis e eclesiásticas, às 20 h. Depois dos cumprimentos protocolares, foi servido um jantar típico da terra trentina, no Hotel Trento. Neste momento tão emocionante em que pela primeira vez a representação catarinense emocionada “ceiava” na Itália, foram trocados presentes, discursos de saudações e boas vindas.

GUSTAVO KRIEGER

“UM HOMEM QUE AJUDOU A ESCREVER, COM SUA VIDA, A HISTÓRIA DE SUA CIDADE”

(Continuação do nº anterior)

Maria do Carmo Krieger Goulart

OS FILHOS DE GUSTAVO KRIEGER

Os filhos de Gustavo Krieger herdaram não apenas seu nome e certos traços físicos: dele aprenderam o amor pela música, a alegria de fazer bem aquilo que deve ser feito, a satisfação de se dedicar por causas nobres e o desejo incontido de se relacionar, de criar laços com todos. Ao apresentar os dados de cada um, temos um objetivo: mostrar, indiretamente, como era ÔPAPA. Suas filhas, por sinal, ao devolver o questionário que lhes fora enviado, deixaram transparecer uma característica muito própria do pai: a modestia. Elas e cada um

dos filhos são muito mais do que aqui consta: só a convivência permite descobrir a riqueza interna que encerram.

1º) ALDO

Nasceu em Brusque, a 05 de julho de 1903.

Com a idade de 8 anos tocava Bandoneón no cinema mudo, formando, poucos anos depois, um Conjunto Regional, que existiu até que surgiu o cinema falado.

Aos 14 anos aprendeu a tocar clarinete, ingressando na Banda Musical Concórdia, onde mais tarde ocupou o cargo de Mestre.

Fundou, em 1929, com a colaboração de 5 irmãos, 2 tios e 3 primos, o Jazz Band America, que se tornou célebre em todo o Estado.

Dirigiu o "Orfeão Evangélico de Brusque", durante 20 anos. Fundou o "Orfeão Juvenil Amadeus Mozart".

Em 1951 frequentou o Curso de Férias em Teresópolis.

Em 1953 cursou o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico do Rio de Janeiro.

Em 1954 fundou o Conservatório de Música de Brusque, do qual foi diretor até 1963.

Em 1959 criou, junto ao Conservatório, a Escola de Artes Plásticas.

Em 1963 fixou residência em Florianópolis onde, até 1971, foi Regente Titular da Associação Coral de Florianópolis.

Faleceu na Capital do Estado a 12 de outubro de 1972.

Aldo foi violinista, compositor e regente. Compôs o "Hino do Centenário de Blumenau" (1950), o "Hino do Centenário de Brusque" — gravado pela Bandinha de Altamiro Carrilho e pelo Orfeão Francisco Manuel do Rio de Janeiro (1960), a canção "Mãezinha Querida" (1960), Álbum de Valsas (1960), Álbum de arranjos para Blockfloete (Flautablock) — Músicas folclóricas, "Santa Catarina Canta" — para as escolas primárias, Choros, dobrado — Vereador Aníbal, Salmo 67 para Coro Misto e Orquestra, Salmo 100 para Coro Misto, "Glória a Deus" para Coro Misto, a Sétima Palavra, Na pobre choupana — Natal, além de muitíssimas outras obras. Foi Técnico na Divisão de Artes da Secretaria de Educação e Cultura, Professor de Música e Ritmo no Curso Normal de Educação Física de Florianópolis e de Teoria Musical na "Casa da Arte" da SEC. Escreveu a parte referente à Música no Albúm do Centenário de Brusque" e seu nome consta na "Grande Enciclopédia Delta Larouse", p. 3843.

Em 1965, por ocasião de seu Jubileu de Ouro de Vila Artística, foi alvo de muitas homenagens: concertos (a Associação Coral de Florianópolis dedicou-lhe uma semana) Medalhas de Ouro (Coluna RADAR NA SOCIEDADE; Prefeitura Municipal de Brusque; Orfeão Evangélico de Brusque), títulos ("Cidadão Honorário de Florianópolis"), placas comemorativas, estatuetas etc.

2º) BERTILHA

Nasceu em Brusque a 2 de setembro de 1905.

De 1917 a 1929 trabalhou na ALFAIATARIA KRIEGER, confeccionando roupas masculinas. De 1927 a 1960 foi membro atuante do Coro Evangélico. Toca Bandolin e Violão, borda e faz crochê, gosta de plantas e de cuidar de Horta.

Tem uma filha que lhe deu 3 netos.

3º) OSCAR

Nasceu em Brusque a 4 de dezembro de 1906, e faleceu a 1º de dezembro de 1908.

4º) ÉRICO

Nasceu em Brusque a 14 de março de 1908.

Aprendeu as primeiras letras na "Deutsch Ewangelische Schule", onde era chamado pelo professor Lehmann de "Du Kleines Tappfars Schneiderlein (pequeno valente alfaiate), tendo ganho vários prêmios por sua aplicação nos estudos e nos esportes (ninguém o superava no pau-de-sebo). Estudou depois nas Escolas Reunidas de Brusque e no Grupo Escolar Feliciano Pires.

De 1918 a 1932 foi alfaiate; de 1930 a 1938, funcionário municipal (tesoureiro), tendo entrado por concurso; de 1938 a 1957, foi Caixa do Banco INCO e responsável pelo Cadastro até 1968, quando se aposentou como bancário; de 1940 a 1945, amanuense e secretário do Cônsul Carlos Renaux, presidente do INCO.

Em 1926 fundou a 1ª escola de violão de Brusque, que encerrou suas atividades em 1930; fundou o Coro de Trombones da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana, dirigindo-o de 1928 a 1949; co-fundador do Jazz Chopp com Rosca em 1930, e do Jazz Band America, onde atuou até 1957; co-fundador e componente da Orquestra de Câmara de Brusque de 1933 a 1936, onde tocava trombone de vara; participante (de 1963 a 1968) da Orquestra do Coral de Florianópolis, tocando contrabaixo de cordas; músico (1930-1949) da Banda Concórdia, tocando vários instrumentos de metal, inclusive trombone de vara, na época, único no Estado de Santa Catarina; cantou no Coral Evangélico por mais de 30 anos; Membro da Associação Catarinense de Imprensa, matrícula nº 50 Categoria "C", em 1946; Agente do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários de 1939 e 1965; Primeiro Secretário Geral da Paróquia Evangélica, de 1942 a 1977, sendo homenageado pelos 35 anos de serviços prestados à Paróquia. Atualmente exerce o cargo de Conselheiro; criou a Escola Dominical Evangélica em 1940; pai do primeiro pastor evangélico nascido em Brusque.

Foi soldado do Tiro de Guerra em 1929-1930 onde, depois de ter atuado como corneteiro-mor, obteve o 1º lugar da turma de 30. Neste ano acompanhou a Revolução de Getúlio Vargas. Durante 17 anos exerceu os cargos de Tesoureiro e Vice-Presidente do Tiro (1930-1947), período em que foi construída a atual caserna.

Tem chácara e gosta de plantar árvores frutíferas e ornamentais.

Seus 6 filhos lhe deram 9 netos.

5º) OSCAR GUSTAVO

Nasceu em Brusque a 1º de outubro de 1909.

Em 1916-1917 frequentou a Escola Alemã (Deutsch Schule), de 1917 a 1920 as Escolas Reunidas "Feliciano Pires", depois Grupo Escolar; de 1920 a 1921 trabalhou como balconista na Firma Otto Schaeffer; de 1921 a 1927 na Alfaiataria Krieger; nos anos de 1928 a 1936 manteve uma pequena Casa Comercial (secos e molhados); em 1926 colaborou na Fundação do Grupo Teatral "Honório Miranda", do qual participou como sócio até 1929; de 1927 a 1930 foi jogador amador de futebol no antigo Brusquense Futebol Club; em 1926 colaborou na fundação da Sociedade Cravo Preto (Bolão); de 1928 a 1933 foi músico do Jazz Band América, tocando bateria e saxofone; de 1931 a 1938 foi músico da Banda Musical Concórdia, tocando tuba; em 1935 foi nomeado Promotor Público Adjunto, cargo que exerceu até 1940; de 1936 a 1940 trabalhou na Casa Matriz de Otto Schaeffer.

Em 1935 (12 de janeiro) contraiu núpcias com Olga Tereza de Carvalho Ramos.

Ingressou em 1940 na Prefeitura Municipal onde, até 1974, ocupou os mais variados cargos (Fiscal-Geral, Contador, Secretário, Inspetor Escolar, Assistente Administrativo. — Em duas ocasiões diferentes ocupou o cargo de Chefe Geral (Prefeito), no ano de 1944 (28.08 e 12.10)

Em 1943, durante a 2ª Guerra Mundial, foi designado Chefe de Dispersão de Inúteis, mulheres e crianças da Cidade, organizando turmas de folga que se revezavam e tomando outras providências de Recuperação das Zonas Evacuadas.

Em 1953 publicou o "Pequeno Tratado de História de Brusque" e em 1957 o "Guia da Cidade de Brusque", que em 1960 teria sua 2ª edição.

Em 1955 ficou responsável pela revista do Clube Filatélico Brusquense, entidade que ajudou a fundar em 1935, e da qual ainda participa como um dos diretores. Aliás, já em 1925 colecionava selos, hobby que cultiva até o presente (completou a Coleção "Europa-CEPT" e tem quase completa a coleção VATICANO).

Em 1955, por provisão do Sr. Bispo Diocesano, foi nomeado Secretário da Comissão Pró-Construção da Nova Matriz de Brusque, cargo que deixou em 1976 para ocupar a 3ª Vice-Presidência.

De 1955 a 1968 manteve diversas colunas semanais nos jornais "O Rebate", "O Município", "A Cidade", "A Nação" e "O Tempo". De 1969 até o presente publica o boletim mensal "Brusque Filatélico".

Em 1959 ajudou na fundação da Liga Desportiva Brusquense, tendo ocupado o cargo de Presidente da mesma de 1961 a 1965.

Foi membro da Comissão Central de Festejos Pro-Centenário

(1955-1960), encarregado da Distribuição da Merenda Escolar, Setor de Brusque (1958-1971), Coordenador do MOBRAL (1971-1972), Encarregado dos Festejos cívicos da passagem do Fogo Simbólico da Pátria por Brusque 1971-1972), Secretário dos Festejos do Centenário de Santos Dumont (1973). Desde 1965 é sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e desde 1972 é sócio (fundador) do Clube Orquidófilo de Brusque.

Seus 9 filhos já lhe deram 10 netos.

6º MELIDA

Nasceu em Brusque a 26 de novembro de 1910.

Na Alfaiataria de seu pai confeccionava calças e camisas. Desde 1940 participa ativamente dos trabalhos da Associação Damas de Caridade Evangélica.

É perita no crochê, e gosta do contato com a natureza.

Tem 3 filhos e 5 netos.

7º LILLY

Nasceu em Brusque a 30 de novembro de 1911.

De 1925 a 1937 trabalhou na Alfaiataria Krieger, como ajudante de alfaiate. De 1940 a 1945 foi sócia atuante do Grêmio da Primavera. Desde 1930 participa do Coral Evangélico, e desde 1950 da Associação Damas de Caridade, da Comunidade Evangélica.

Tem prazer em fazer doces e é exímia bordadeira. Aprecia música (gosta de escutar Órgão, Piano e Violão). Na qualidade de 7ª filha da casa, era encarregada da marcação das roupas do pai, bordando com linha vermelha a letra "G".

Tem 2 filhos e 3 netos.

8º OSVALDO

Nasceu em Brusque a 15 de agosto de 1913, falecendo a 5 de maio de 1914.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior — 11/12 — Tomo XXI)

OS PRIMEIROS COLONOS

— I —

O Dr. Blumenau esperou, no Desterro, a chegada de Hackradt, para a constituição da firma entre ele e o seu amigo, conforme acertara com o Presidente da Província.

— 9 —

Aproveitou para fazer uma visita ao Major Anacleto e convidá-lo, por delicadeza, para fazer parte da firma.

— Como vai, Major Anacleto?

— Oh! Dr. Blumenau! De volta outra vez?

— Sim, Major! Como o Sr. sabe, vou constituir uma firma para adquirir as terras da colônia e ser formada, e, posteriormente, desenvolver o meu plano colonizador. Tenho o total apoio do Marechal Antero, e espero assim poder iniciar os meus trabalhos preliminares. Faço questão de colocá-lo entre os meus sócios!

O Major Anacleto pensou um pouco e respondeu:

— Dr. Blumenau! Os meus negócios absorvem muito dinheiro e infelizmente não disponho de grande capital para aplicá-lo em outros empreendimentos. Compro sempre tudo à vista, para aproveitar ao máximo todos os descontos e financio os lavradores da ilha, para poder ter cereais à venda, já que comprá-los de outras províncias é quase impossível, devido aos precários meios de transportes. Imagine o sr. o trabalho que tenho para convencer alguns agricultores a plantarem; são indolentes e quase sempre preferem a pesca à lavoura.

O Dr. Blumenau sentiu logo que o Major Anacleto não confiava em colonização. Era daqueles homens que só acreditam em seus próprios negócios. Porém, a desculpa que deu, satisfez ao colonizador.

— Major Anacleto, o sr. tem as suas razões, de só aplicar o seu dinheiro em seu próprio negócio, como eu em minha colonização. Não se deve ter, ao mesmo tempo, várias atividades, já que nos dedicando a uma só, melhor poderemos atendê-la, na defesa dos nossos próprios interesses.

Aliás, Major, convidei-o por uma questão de amizade e reconhecimento, por ter me tratado tão amigável e carinhosamente, quando da minha última estada no Desterro, da qual guardo ótimas recordações!

— E por que não voltou para a nossa casa? Onde está hospedado agora?

— Estou numa antiga pensão, onde me hospedei na primeira vez que vim ao Desterro. Sou muito conservador!

O Dr. Blumenau aguardou ainda uns dias, esperando que Hackradt chegasse. Quando finalmente chegou, além de más notícias, estava muito pessimista, dizendo:

— Dr. Blumenau! Estou bastante desanimado! Acho melhor desistirmos de tudo! Não é fácil não, dominar aquela mata agressiva e selvagem, que nos amedronta quando nela penetramos, com os nossos facões, para abrir nossas clareiras e caminhos, e com os nossos machados derrubar suas árvores, para construir nossos ranchos e casas, ela parece se revoltar e contra nós coloca os seus animais ferozes: onças e jaguatiricas; cobras e, entre elas, a terrível e venenosa jararaca. E como se isso não bastasse, seus cipós se entrelaçam

nas árvores, parecendo querer segurá-las, para que não as derrubemos, e quando conseguimos derrubá-las, caem sem direção, seguros pelos cipós, destruindo os nossos ranchos e ferindo os nossos lenhadores. Parece mesmo, Dr. Blumenau, que a Natureza, que o sr. gosta e admira, se revolta contra nós, contra a nossa devastação. É, de fato, desanimador! Não! Não, Dr. Blumenau! Eu sou comerciante e não colonizador!

— Mas, só agora, Hackradt, é que você viu que a mata era cheia de perigos! Quando nela acampamos pela vez primeira, e lá ficamos quase três meses, você não se amedrontou, embora tenha visto cobras e onças!

— É que naquela ocasião, nós éramos simples visitantes, e ela, serena e dócil, nos recebeu sem revoltas; agora, nós somos seus inimigos devastadores, como dizem os caboclos: “Que ela se zanga e bota a bicharada contra nós”. Pode ser uma crendice popular, Dr. Blumenau! Mas, sem dúvida, é uma realidade a que se assiste diariamente! Não! O melhor é desistirmos e ficarmos aqui mesmo pelo Desterro, e não mais voltar para lá, Dr. Blumenau!

O Dr. Blumenau, percebendo o desânimo do seu companheiro, logo nos primeiros momentos de lutas pela sua tão difícil, porém almejada colônia, resolveu dar-lhe uma dose de esperança e animação, para não perdê-lo, já que percebera que o seu amigo estava inclinado a desistir de tudo.

— Hackradt! Chamei-o ao Desterro, porque é chegado a hora de constituirmos uma sociedade e até já tenho comigo o contrato feito. A firma terá o nome de “Blumenau & Hackradt” e se propõe explorar uma serraria e a produção de açúcar, aguardente, álcool, vinho, vinagre e óleo vegetal, enfim uma quase indústria, para começo!

Compraremos as terras no local já escolhido para a implantação da nossa futura colônia, até que elaboramos novo plano de colonização, já que os até aqui feitos, não surtiram os efeitos desejados.

— Mas, o sr. passa então, ao invés de ser um colonizador, um grande fazendeiro, cheio de terras e latifúndios?

O Dr. Blumenau sorriu e com ironia, sentindo que o seu amigo começava a se interessar:

— Não é isso o que você quer, Hackradt? Ser sócio de um grande fazendeiro, senhor de terras e engenhos?

Hackradt, que era hábil e astuto comerciante, para disfarçar o seu interesse que começava a explodir com as últimas palavras de seu amigo, voltou à carga do pessimismo, a fim de esconder o verdadeiro interesse:

— O quê, Dr. Blumenau! Acabamos de perder um negro velho que cozinhava para nós, mordido por cobra, uma terrível e traiçoeira jararaca, quando ele apanhava lenha num monte de galhos secos; ela o picou e, em três dias, ele morria gritando de dor e excomungando todo mundo! E assim vai: Assim, dos nove homens que o Major

Agostinho nos mandou, estamos reduzidos a oito e temo muito de quando chegar lá, alguns tenham desistido, como já demonstraram por muitas vezes.

— Quem ficou em seu lugar, Hackradt?

O filho mais velho do Desidério, o Gregório, valente e decidido como Ângelo Dias!

— E o Ângelo já voltou para Itajai?

— Foi apenas nos levar no lanchão.

— Lan... chão! Hackradt, mas o que é isso?

— É uma embarcação grande de uns quinze metros de comprimento por três de largura, tendo em cada lado, no sentido do comprimento, na parte de cima, um estreito passadiço. Em cada lado, por onde os homens com grandes e compridos varejões, firmam no fundo do rio, e encostando ao ombro, onde põem um chumaço de pano para protegê-los, vão andando sobre o passadiço e empurrando o lanchão, que desliza suave e rápido pelo leito do rio.

— Mas, então são dois lanchoneiros, já que os condutores de canoas são canoeiros, não é, Hackradt?

— Sim, são dois! Um o próprio Ângelo, e o outro, Silvério Francisco Ramos. Mas eles deixaram lá os mantimentos e o material, inclusive as serras, para serrarmos, e mão, as primeiras toras. Ficaram dois dias caçando e depois de nos deixarem boas caças, voltaram para a vila de Itajai.

— Como é que vocês estão construindo os ranchos, Hackradt?

— Com finos galhos de árvores, uns sobrepostos sobre os outros e amarrados fortemente com cipós.

— Então os cipós têm alguma utilidade, hein, Hackradt? Podem atrapalhar as derrubadas, mas ajudam na construção dos ranchos!

— Se ajudam!

— Então, Hackradt, como é, vamos assinar o nosso contrato da nova firma? Está aqui comigo, prontinho para você assinar.

— Não sei, Dr. Blumenau! Não sei! Estou muito pessimista e confuso!

— Oh! Hackradt, pessimismo é uma palavra que jamais devemos pronunciar e você, ultimamente, está dizendo-a constantemente. Cadê a sua coragem e disposição, que sempre demonstrou durante a nossa primeira viagem?

— Dr. Blumenau! A Natureza, sua velha amiga, não é fácil não dominá-la! Eu tenho a impressão que ela quer nos expulsar de suas matas! Com ciúmes das árvores que derrubamos a golpe de machado!

— Nós a dominaremos, pacientemente, quando ela compreender que o que queremos é conviver com ela, que nós vamos substituir a mata por bens produzíveis, plantando lavouras e de suas árvores tirarmos a madeira para as nossas casas, móveis, embarcações, lenha para o nosso fogo; não estamos destruindo-a, pelo simples prazer de

ver cair as suas árvores; estamos, isto sim, procurando substituir as derrubadas pelo progresso, mantendo com cuidado o equilíbrio do avanço da civilização, para podermos construir nossos lugarejos, vilas e cidades, no admirável convívio da Natureza, com o nosso Mundo Moderno!

— É, Dr. Blumenau! É muito bom falar aqui na cidade! Porém, lá, em plena mata virgem, parece que tudo em seu redor está contra nós! Não, Dr. Blumenau, eu sempre lhe disse que era comerciante e o sr. com a sua hábil conversa de povoador, está me convencendo, me transformando num colono!

— Hackradt! Não desista, neste momento, q̄ue mais preciso de você! Meus planos foram interrompidos, mas, não e nunca eliminados! Tenho fé em Deus que venceremos não só essas dificuldades, como outras, porém, tudo isso, toda essa luta titânica, só valoriza o nosso trabalho pioneiro e sem sacrificio nada se consegue de duradouro!

E jogou a última cartada, para convencer o seu amigo:

— Eu vou lhe dar 4.000 talers e remeter da Corte mais 1.500, por intermédio do Major Agostinho, que fará chegá-los às suas mãos. Você assina o nosso contrato e a nossa sociedade está constituída. E a firma “Blumenau & Hackradt”, começará a funcionar com a sua volta para a colônia, afim de continuar as primeiras construções, serrarias e engenhos e eu embarco para a Alemanha, em busca dos primeiros colonos!

— Mas como? Nós não temos uma firma colonizadora e, sim, uma firma para exploração agrícola, Dr. Blumenau!

— Eles, os primeiros colonos, virão como nossos empregados!

Hackradt, pensou um pouco, e o seu silêncio martirizava o Dr. Blumenau; finalmente, depois de algum tempo angustiante, falou:

— Será que não posso pensar uns dias, Dr. Blumenau?

— Hackradt! Eu não peço, imploro para que você volte para a colônia e continue como meu sócio, já, agora!

— Está bem, Dr. Blumenau; vou fazer mais uma tentativa!

O Dr. Blumenau, satisfeito, abraçou o seu bom amigo e companheiro de longa data.

Cada um tomou o seu rumo.

II

O Dr. Blumenau demorou-se ainda uns dias no Desterro, tomou algumas providências junto ao Governo, rumando depois, num veleiro, para a Corte.

No Rio de Janeiro, retomou a sua via sacra dos Ministérios ao Paço, em busca de auxilio e solução para a sua colônia, o que cada vez mais se tornava difícil, já que, na Corte, o número de “colonizadores” havia aumentado de forma alarmante, exigindo do Governo se-

leção dos que, realmente, como o Dr. Blumenau, queriam colonizar, e os aventureiros que tanto prejudicavam o colonizador.

Desta vez, porém, levava consigo a escritura de compra de um grande lote de terras, de 155.000 geiras, à margem direita do Itajaí-grande, que sua firma comprara, auxiliada com a entrada de mais um sócio o seu amigo suíço Ulrich Haberle, que muito confiava e esperava do Dr. Blumenau.

Tão logo desembarcou na Corte, foi à procura do seu bom amigo, o Marquês de Abrantes, já agora como grande latifundiário, conforme ponderou o seu sócio Hackradt, ao saber das intenções do Dr. Blumenau, de começar com a sua firma, comprando, primeiro, as terras, para depois colonizá-las, como única solução encontrada na última reunião com o Presidente da Província, Marechal Antero de Brito, com o qual assinou um convênio de colonização, para não haver maior perda de tempo. No seu firme propósito de colonizar o Itajaí-grande.

No Gabinete do Marquês de Abrantes, depois de longas caminhadas pelos Ministérios e pela própria Corte, lamentou:

— Senhor Marquês, parece que todos me abandonaram. Fogem de mim como se fosse um pedinte estrangeiro e não um colonizador, que tem planos e idéias de como colonizar na Província de Santa Catarina, como Vossa Senhoria bem sabe e melhor conhece as minhas sinceras e reais intenções, bem como o seu admirável Imperador.

O Marquês de Abrantes, que bem conhecia e estimava o Dr. Blumenau, o animou:

— Dr. Blumenau, não é fácil se conseguir alguma coisa na Corte, onde existem centenas de “colonizadores”, pedindo ajuda ao Governo, com planos os mais mirabolantes e fantásticos!

— Mas, senhor Marquês, o meu plano nada tem de utópico ou fantasioso!

— Sei muito bem, Dr. Blumenau! Ao falar não me referia ao seu plano. Tenha paciência, que tudo se resolverá. Ninguém aqui é contra o senhor, Dr. Blumenau; não se esqueça do que quando lhe faltar tudo na Corte, o que espero nunca aconteça, resta-lhe a profunda admiração e amizade do nosso Imperador pelo senhor, Dr. Blumenau!

— É, de fato, não só um grande consolo, como a minha maior esperança, senhor Marquês!

A propósito, lembrei-me agora do fracasso da colonização em Macaé, que acabei resolvendo a seu pedido, quando ainda não havia escolhido o local onde colonizar e andava à procura desse local. Se não me falha a memória, foi em um dos nossos encontros aqui na Corte.

— Exatamente, Dr. Blumenau! São fatos como os que ocorreram nos pântanos de Macaé, que desmoralizam as colonizações e exigem do Governo toda a cautela ao examiná-los.

— Mas, quando o senhor falou-me da Colônia do Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, a ser instalada nos pântanos de Macaé que, a seu pedido fui examiná-la...

— Sim! E as suas conclusões foram as mais sóbrias possíveis e, de fato, todas as previsões se realizaram.

— Infelizmente, senhor Marquês, para aqueles pobres imigrantes que tanto sofreram.

— Dos 140 colonos, Dr. Blumenau, que se deixaram iludir pela lábia dos agentes do Dr. Saturnino, 23 morreram nos primeiros oito meses e os restantes ficaram incapacitados para o trabalho. Os que conseguiram fugir entregaram-se à mendicância, aqui na Corte. Lamentável, muito lamentável o ocorrido, que a todos nós muito preocupou.

— Senhor Marquês! Tudo aconteceu por culpa dos péssimos cônsules e diplomatas alemães, no exterior, que seduzidos pelas maquinações vergonhosas e informações falsas da Casa Delrue & Co., de Dunquerque e de seus parceiros, chegaram ao Rio de Janeiro centenas de renanos quase mortos de fome, e muitos deles enfermos, devido ao mau trato a bordo.

— Foi, Dr. Blumenau, uma coisa triste e lamentável, que muito contribuiu para prejudicar os colonizadores honestos e capazes, como é o seu caso. É esta uma das razões que dificultam as suas pretensões, Dr. Blumenau!

— Reconheço, infelizmente, esta verdade! Senhor Marquês, lembra-se que me apresentou ao Núncio Apostólico, D. Badini, e por seu intermédio conseguimos que cerca de 300 imigrantes fossem transferidos para a Província de Santa Catarina, a expensas do Governo Brasileiro. Como naquela época ainda não havia escolhido o local onde fixar a minha colônia no Império, eles foram para Armação e Santa Isabel, e foram os troncos daquelas colonizações e eu perdi tão maravilhosa oportunidade, de tê-los como os meus primeiros colonos.

Ainda, senhor Marquês, sacrifiquei algum dinheiro meu nessa empreitada, e por ironia do destino e de meus azares, acabei sendo, por ser zeloso demais, ameaçado de prisão e expulsão, injustamente.

Lembro-me que elaborei para eles um projeto de colonização em grande estilo e encaminhei ao Governo Imperial, o qual foi muito bem recebido, apreciado e considerado útil e vantajoso. Tendo, com grande satisfação íntima, recebido elogios de todos os Ministérios competentes e me deram muitas esperanças, mas, como sempre, a Assembléia Legislativa o rejeitou, pura e simplesmente!

— Muito lamentável, Dr. Blumenau!

— Senhor Marquês! Agora que já escolhi a minha colônia, no interior do maravilhoso Itajaí-grande, espero na minha próxima viagem à Alemanha, enfrentar os cônsules e diplomatas, e os terríveis armadores de Dunquerque, e do Havre, bem como os da Alemanha,

para conseguir trazer os meus primeiros colonos, que terão que vir como meus empregados, já que os meus planos foram rejeitados, mais uma vez, pela Assembléia Provincial de Santa Catarina. Em face de um convênio que assinei com o Presidente da Província, o honrado Marechal Antero de Brito, veio a se constituir uma fórmula salvadora já que a minha firma agrícola colonizará, provisoriamente, para não haver mais perda de tempo tão precioso. Tudo é contra a minha vontade, mas, foi a única solução, até que se consiga impor a minha colonização, tão incompreendida, pelos políticos regionais.

O Marquês de Arantes sorriu levemente, de modo irônico quando o Dr. Blumenau citou "os políticos regionais", mas o apoiou dizendo:

— É preciso ser perseverante e até teimoso, Dr. Blumenau, para vencer e convencer a malta de políticos maus, com excessões, é bem verdade, que infestam as Províncias e mesmo a Corte, onde eles são em grande número, prejudicando o grande desenvolvimento do Império e quiçá, das Províncias.

— Senhor Marquês, peço-lhe que entregue, por especial obséquio, pessoalmente, ao Imperador, este meu novo plano e um pedido de empréstimo de 10 contos de réis que, na minha volta da Alemanha, daqui há uns nove ou dez meses, espero encontrá-lo, plenamente aprovado por Vossa Alteza que, graças a Deus, conhece e sente as minhas nobres intenções de colonizar no seu futuro e grande Império, tão carente de populações de imigrantes europeus.

E assim o Dr. Blumenau se despediu do Brasil, mais uma vez, para lutar na sua pátria, na busca dos seus primeiros colonos.

III

Depois de uma viagem de dois meses, o Dr. Blumenau chegou em Hamburgo, via Amsterdam, visitou seus pais em Blankenburg, no Harz, e entrou em entendimentos com autoridades em Berlim, em princípios de 1849.

Não encontrou, porém, nenhuma boa vontade e compreensão, nem mesmo no reino de Hannover, em relação ao qual havia alimentado alguma esperança, porque era, em extensão, o segundo Estado do norte da Alemanha.

Chegou à triste conclusão de que as dificuldades encontradas no Brasil eram ainda maiores na Alemanha.

Além disso, a sua propaganda verbal e escrita, ativamente promovida, produziu resultados insignificantes.

Verdade é que o movimento nacional de 1848 se havia ocupado vivamente também da questão dos imigrantes.

Soube que realizou-se em Frankfurt sobre o Meno, no outono daquele ano tempestuoso, um congresso com a participação de todas as sociedades alemãs de imigração.

O Parlamento de Frankfurt incluiu no projeto da Constituição do Reich um artigo dizendo que “os assuntos pertinentes à emigração estariam sob o amparo e o cuidado do Reich”.

Ele ficou satisfeito com tal oficialização, mas acontece que, em virtude da dissolução do Parlamento, cujos remanescentes foram dispensados em Stuttgart, em junho de 1849, pelo poder das armas, tiveram que ser abandonadas todas as aspirações, quanto a uma regulação bem planejada e razoável.

O Dr. Blumenau compreendeu que ele chegara na Alemanha no momento mais propício para os “aliciadores de emigrantes” e que a sua luta teria que ser redobrada. Ele que não fazia outra coisa senão lutar, lutar por um ideal que se tornava quase inatingível, desanuviando os seus sonhos de colonizador. E, pensava que, os bons tempos estavam cada vez mais distantes, e lhe fugiam das mãos cada dia que passava.

Ele verificou que, à medida que ascendia o número dos indivíduos desejosos de emigrar, em consequência dos distúrbios, renovava-se e recrudescia a luta entre armadores e agentes de navios estrangeiros e nacionais, em torno da presa, o que lhes proporcionava enormes lucros.

A “exportação” de gente alemã constituía um excelente negócio. Cada um procurava ganhar a dianteira do outro e todos os meios eram considerados “lícitos”.

O Dr. Blumenau lembrou-se então de que aquilo era um “paraíso” para o Capitão Guedes, mas nunca para ele. E por pouco, quase acabou concordando com ele, de comprar escravos brancos e negros, e, conforme a sua proposta, suprir a sua colônia. Só não o fez porque a sua fibra de colonizador sincero e honesto o impediu.

Voltou-se para o céu, que sabia nunca o abandonaria e pediu, fervorosamente, que tal nunca acontecesse!

A única transformação que se processou na sua pátria, durante a sua permanência ali, consistiu em que também as companhias de navegação alemãs entraram a competir, em ampla escala, ao lado dos armadores do Havre, de Dunquerque, Rotterdam, Antuérpia e Londres.

Eram, a princípio, companhias bremenses que antes levavam de vencida os seus concorrentes do Havre; vinham depois as hamburgueses que, por sua vez, não tornaram a relegar as bremenses a um segundo plano.

Graças a esse tráfico a que com grande pesar o Dr. Blumenau assistia em sua pátria e com ele teria que lutar para conseguir os seus colonos, prosperaram desde 1847 a Hapag (Hamburgisch-Amerikanisch Pakertfahrt-Aktiengesellschaft) e o Nordeutschar Lloyd, com 66 sub-agências, sua organização chegou a transportar, ao todo, dois milhões de imigrantes, dos quais a maioria deve ter sido, sem dúvida, alemã.

Era contra todos esses monstros econômicos organizados que

o Dr. Blumenau teria que lutar, para conseguir os seus colonos, ele, um colonizador pobre, cujos recursos já tinham se esgotado. Sobrava-lhe o seu ideal de colonizador que era a única força moral que o levava a não desistir de tudo e enfrentar todas as lutas e dificuldades que já lhe eram tão familiares e se tornavam companheiras de todos os dias.

Ele estava plenamente convencido de que seus patrícios eram vendidos e aliciados, como escravos brancos, porém sem senzalas, no último decênio do segundo quartel. Hamburgo começou a aliciar emigrantes e embarcá-los com destino ao Brasil da maneira pela qual faziam os bremenses para os Estados Unidos da América do Norte.

Tratava-se, tanto do lado dos bremenses, como dos hamburgueses, da transação de um "negócio", tipo Capitão Guedes, e nenhum dos competidores podia censurar o outro, se é que algo havia a censurar, acusando-o da prática de um trabalho indecoroso com a mercadoria humana.

Hábeis que eram, os bremenses realizavam seus "negócios" para os Estados Unidos melhor do que os hamburgueses os seus para o Brasil.

Era esse o ambiente da sua tão querida pátria, a Alemanha, um vasto e incomensurável mercado de escravos brancos.

E como se toda essa decepção não bastasse, para o cúmulo que mesmo só acontecia com ele, teve que assistir à instituição da sociedade anônima "Kolonizationsverein von 1849", em Hamburgo, sob a direção do senador Christian Mathias Schroeder", Ad. Schramm e G. W. Schroeder.

Contava a sociedade com o amparo do Governo Imperial, concretizado na doação de 12.800 hectares de terras por parte do príncipe Francisco de Joinville, cunhado do seu amigo Dom Pedro II.

Na respectiva região surgiria a Colônia Dona Francisca, que iria receber, imediatamente, 124 imigrantes, naquele ano de 1850.

IV

O destino cada vez mais contrariava os seus maiores desejos de colonizar.

Enquanto na sua própria pátria assistia à fundação da "Sociedade 1849", prestigiada oficialmente pelos governos alemão e brasileiro, ele, que tudo fizera e planejara com segurança a mais perfeita possível das colonizações, todas as portas se fechavam, e só encontrava, então, lutas, negativas, dissabores e prejuízos incalculáveis.

Ele, um desbravador, civilizador e colonizador, que tanto se debatia pela moralização da emigração de seus patrícios, fazendo propaganda de todas as formas quer pessoalmente quer escrevendo folhetos, artigos e até livros, estava no momento na sua tão querida pátria, como se fosse "um fazendeiro, um latifundiário", para levar ao invés

de colonos, empregados para a sua indústria, já que assim entendia a Assembléa Provincial de Santa Catarina, ao lhe negar apoio aos seus planos de colonização, enquanto um protegido, por ser cunhado do Imperador brasileiro, que talvez nada conhecesse de colonização e emigração, tudo conseguia até com doação de terras e sob os aplausos oficiais.

Essa prova por que passava, no momento, no chão de sua tão amada Alemanha era por demais ingrata e injusta para ele.

E, de novo vieram-lhe à memória as propostas do Capitão Guedes, que pareciam vaticinar o seu fracasso de colonizador, de sonhador, como ele, sem cerimônia, o chamou, ao se despedir na porta do seu camarote, na sumaca "Borba Gato". Ele sorriu e pensou sozinho: — "Será que o Capitão Guedes não tinha razão? Talvez ele não passasse mesmo de um sonhador.

Ele, que em 1846 saíra pelo mundo afora como o maior propagandista de um programa de colonização e emigração de vastas proporções!

Agora, porém, ele não passava de um colonizador em que ninguém acreditava, a não ser o seu amigo, Imperador Dom Pedro II, e o honrado Presidente da Província de Santa Catarina e alguns poucos amigos que pouco podiam fazer contra os políticos que infestavam os legislativos do grande Império brasileiro e pareciam donos da situação.

A atividade da "Sociedade 1849", correspondia ao que ele havia ideado, ao menos no que diz respeito à orientação da sua própria propaganda em benefício próprio. Tal atividade prejudicou a sua própria empresa, de vez que desviava o elemento humano de que ele necessitava para a "Sociedade 1849", como os 124 emigrantes a que ele assistiu embarcar para a Colônia Dona Francisca.

Como se tudo isso não bastasse, a concorrência do Chile era mais patente ainda. Dois representantes do país andino, Kudermann e Philipp, lograram atrair 250 emigrantes, em sua maioria lavradores e artesãos, que já se haviam comprometido com o Dr. Blumenau de embarcar para a sua colônia às margens do Itajai-grande, e que foram desviados para o Chile, só restando 16 honrados e abnegados emigrantes que mantiveram o compromisso com o Dr. Blumenau.

E em junho de 1850, este grupo de apenas 16 pessoas partiu de Hamburgo para o Brasil, sob as ordens do sobrinho do Dr. Blumenau, Reinhold Gaertner.

Eram estes os seus 17 primeiros e abnegados colonos.

(Continua no próximo número)

Tipos originais de Blumenau

DO LIVRO DE PAUL HERING - MEMÓRIAS - AVENTURAS e ANOTAÇÕES

“KRISCHAN” e “KORL” eram irmãos. O mais velho, pedreiro de profissão, gostava muito de uma pinga. Sua mãe orgulhava-se dele, porque cursara um ano a escola primária na Alemanha. Uma vez, estando ele em visita na casa do vizinho, disse: “Korl, meu filho, sabe a bíblia inteira de cor” — e ordenou: “Korl diga o primeiro versículo”. Ao que o garoto recitou logo a conhecida expressão do cavaleiro Goetz von Berlichingen. — Krischan, por sua vez, nem chegou a ver a escola primária. Abobalhado que era, só servia para cortar lenha. Mas arranjava pouco serviço, porque comia muito. Naquela época ainda era uso dar comida aos jornaleiros.

Meninas que não podiam se defender, deviam ser mantidas afastadas pois ele era um tarado perigoso. Morava e dormia numa das grandes cancas, depositadas no porão da prefeitura municipal, e que eram usadas nas enchentes. Sempre se apresentava pretendo ao casamento e importunava as mocinhas com pedido desta natureza. Uma vez, porém “entrou numa fria”. O filho de um ferreiro vestiu as roupas da irmã e foi passear à noitinha. Não demorou muito e Krischan apareceu tomando logo o braço da “mocinha”. Esta não fez objeção. Porém, quando Krischan começou a ficar importuno, o ferreiro disfarçado, que era bem maior e mais forte do que o pequeno lenhador, dobrou este sobre os seus joelhos e aplicou-lhe tremenda surra com seus punhos. Krischan começou a gritar: “Sua peste maldita, contigo nunca mais vou!” e fugiu correndo.

O VELHO HORN

“Eu sou o grão-duque de Bade”, afirmava o velho Horn. Se a gente duvidasse e não acreditasse, ele ficava furioso. Mas nós não tínhamos nada contra. Ele era casado, porém sua bem-amada certo dia o expulsou de casa devido sua constante embriaguês e dividiu o mobiliário do casal. Eu não posso dizer em que consistia tal mobiliário, mas a divisão parece-me ter sido um pouco parcial, pois além de um caixão com suas roupas, Horn levou um cabide. Quando todas as propostas de reconciliação fracassaram, Horn pediu um carrinho de mão emprestado e levou as duas peças de seu mobiliário ao portal coberto do Sr. Hiendlmeyer, onde se aboletou, dormindo sobre uma esteira. Muitas vezes ainda tentou reconciliação com sua mulher. “Abra, eu sou o grão-duque de Baden! Ainda te lembras do nosso primeiro amor?” — Mas Catarina já o esquecerera e não dera ouvido. Certa vez, quando voltávamos, do ensaio de canto do “Germania”, deparamos com um quadro cômico. O velho Horn estava de pé em fren-

te a sua caixa de roupa, completamente nu e havia uma vela acesa no gargalo de uma garrafa. À nossa pergunta sobre o que estava fazendo ali naquela situação, respondeu-nos: "Será que o Grão-Duque de Baden não pode mudar de roupa?" Claro que podia e nada tínhamos a objetar. Sua ocupação também era a de cortar lenha. Muitas vezes ele estava trabalhando no hotel Baumgarten. No hotel, num quarto dos fundos, morava uma jovem professora brasileira. Horn tinha o costume de cantar, quando rachava lenha, uma pequena canção, repetindo-a seguidamente. A mocinha aprendeu em pouco tempo, porém não sabia o significado, pois desconhecia o idioma alemão. O hotel Baumgarten também era sede de um coro misto que semanalmente ensaiava no salão. Assistindo aos ensaios a mocinha era benquista pela turma, dado seus modos amáveis, se bem que não fizesse parte do coro por não falar o alemão. Uma noite porém, ela disse que também sabia cantar em alemão. A pedido da turma ela cantou a canção que muitas vezes ouvira do velho Horn a "canção do lenhador", uma trova um tanto imprópria e lasciva. Os homens riram e as senhoras ficaram um tanto chocadas. A moça notou que algo não estava certo e quis saber o que havia cantado mas ninguém teve coragem de traduzir o texto. Ante sua insistência chamaram-na de lado e abrandando um pouco o teor lhe explicaram o sentido. Vermelha, como um pimentão saiu correndo e nunca mais apareceu naquela roda. Em face deste incidente proibiram o velho Horn de cantar durante o serviço. Se com êxito, não sei.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excerto do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia, publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícias de 23 de abril de 1870:

Colônia Blumenau. — Do nosso correspondente: Março de 1870. — Infelizmente devo começar o meu noticiário relatando um acontecimento dos mais sinistros: Friedrich Brunkow, um dos colonos alemães oriundos da Pomerânia, colonizadores de quatro léguas ao longo do Rio Teste, na manhã do dia 16 do corrente estava reunido com a família para o café da manhã, quando o cão latiu furiosamente e ao mesmo tempo a filhinha de sete anos, entrou gritando: "Os bugres!" No mesmo instante, a casa se encheu de indígenas e algumas flechas atingiram mortalmente o colono Brunkow. A mulher tentou fugir, sendo morta por uma flecha no coração e estava caída de bruços diante da casa, quando os vizinhos acorreram, enquanto o colono se achava acororado num canto da cozinha, também já morto, de cabeça retalhada. O filho mais velho, de nove anos, foi agarrado

por um dos monstros, e carregado para o mato, enquanto as duas outras crianças, a menina e um rapazinho de três anos, escaparam ilesos, fugindo para a casa de um vizinho. Todos os objetos da casa, como ferramentas, roupas de cama e vestimentas, foram carregadas, assim como a casa do colono Ziebell, morador à margem direita do rio Testo, também foi completamente saqueada. O colono não se encontrava em casa e os outros membros da família felizmente conseguiram escapar pela fuga.

Quando o vizinho mais próximo da família Brunkow, o colono Karl Hoffmann chegou, o bando já tinha desaparecido na mata, exceto um deles, mas que também já se achava tão distante que o tiro desfechado pelo vizinho não o alcançou.

Depois de refeitos do primeiro susto, vários colonos se reuniram para uma batida, mas, somente encontraram as roupas, que os índios haviam perdido na fuga e as penas despejadas dos travesseiros, além das roupas do infeliz rapaz, que os monstros lhe haviam despedido. O número de selvícolas, que abandonaram no local grande quantidade de flechas, não pode ser estabelecido com exatidão, mas não deve ultrapassar 12 ou 15 indivíduos, embora os vizinhos tenham falado em 30 atacantes. Provavelmente eram componentes da tribo, domiciliada entre Blumenau e Dona Francisca — tribo esta que tem atacado várias casas de colonos, poupando, no entanto até agora a nossa Colônia.

Os dois órfãos, cujas roupas também foram roubadas, se encontram acolhidos na casa do colono Hoffmann. O acontecimento foi comunicado ao Governo da Província acompanhado de um pedido de ajuda necessária para a educação das crianças. Realizou-se uma coleta para auxiliar a família do colono saqueado, Ziebell.

As medidas preventivas para evitar tais ataques, são publicadas pela Direção da Colônia em toda a região e afixadas nas portas das igrejas. Como já havia passado a época habitual dos assaltos por parte dos índios e nunca houve semelhante assalto no Rio do Testo, as medidas de segurança talvez tenham sido esquecidas pelos colonos tanto é que o colono Brunkow não possuía sequer uma arma de fogo. Compreende-se a preocupação geral reinante na região, mas esperamos que tais fatos sejam evitados para o futuro, por meio de constante vigilância.

N. B. Neste momento chega-nos a notícia, de que o menino raptado, August Brunkow foi encontrado morto na floresta, com vários ferimentos. Presume-se que o menino tenha gritado por socorro e para não serem descobertos, os indígenas o mataram.

A propósito: O que há com a estrada de ligação entre Blumenau e Dona Francisca? Aqui todos são de opinião que, se existisse a tal estrada o assalto não teria acontecido.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

Crônica da Família Lauth

A Família Kraemer veio de Kinzendorf, Alemanha, na década de 1870. Aportaram em Itajaí e subiram rio acima no desejo de encontrar vida que os levassem à riqueza. Sabiam do trabalho agrícola, mas alimentavam em si o desejo de ver brotar um veio aurífero e, quem sabe, logo voltar ao torrão natal. Estacionaram em Encano, às margens do Itajaí-Açu, em meio a um quase desespero da família, motivado pela miséria e desilusão. A filha Anne logo fugiu da casa paterna, pois lhe desagradou os mosquitos, os indígenas, a vida de sertão, acostumada à urbe européia de então, politicamente disputada, socialmente cortejada.

Regressara à Colônia Blumenau, onde se empregara como doméstica, depois de uma tentativa no comércio local. O pai a descobriu e a fez voltar junto a si, bem ao estilo prussiano. Em vão o velho labutou e tentou reorganizar a família. Não estavam mais na Alemanha. A vida mudara. Para os filhos, era preciso fugir com a esperança da riqueza que ainda restava e a que não perderiam nunca. O que pensavam e como pensavam aliou-se o desejo de liberdade. Anne e os irmãos fugiram novamente; agora, para não voltar.

Na Colônia Blumenau, eles se dispersaram. Um preferiu seguir o comércio. O outro, mais feliz, empregou-se em algumas firmas de artesanato e, já no início do século, constituiria família de capital.

Anné voltou a ser doméstica, a trabalhos humildes, de uma rica família da colônia. Tempos depois, a família se transferiu para o Rio Grande com intenções de lavrar e cultivar uvas. Foi aí, então, na capital daquela província, que Anne se encontrou com Karl Lauth, jovem lavrador, errante ainda, filho de Alberth Lauth, que morava em Estrêla. Os Lauth vieram para o Sul na mesma época dos Kraemer. Fixaram-se na zona colonial alemã, onde se deram bem na produção agrícola para a exportação. A família era de 7 filhos, dos quais, 2 rapazes. O mais velho (—), morrera afogado no Espírito Santo, para a infelicidade da família. O acontecido os trouxera ao Sul do Brasil.

Uma irmã, ainda, de Carlos amanciara-se de um português, de espírito aventureiro e a deixou esperando o segundo filho.

O pai Alberth, quando soube, resolveu registrar os netos com o sobrenome dos Lauth.

Karl e Anne se casaram em Estrêla e foram morar num enxaimel perto do velho Alberth. Até que um dia... a saudade e o remorço tocou o coração de Anne, após receber notícias de doença da mãe. Karl tratou, então, de conseguir dólares para viajar, o que não foi difícil vendendo sua produção anual para os navios americanos no porto do Rio Grande. E empreenderam viagem num cargueiro alemão. Foi bem mais fácil viajar com dinheiro estrangeiro.

No Vale do Rio Itajaí-açu florescia, no início do século, o município mais bem sucedido da colonização alemã. Karl se encantou com o lugar... Anne vinha com seus dois filhos. O velho Kraemer pudera, então, conhecer o genro e gostara tanto dos netos que os prendera junto a si até o final da temporada. Vésperas do retorno, choveu dias seguidos e Anne tinha o coração partido. Karl não conseguia trocar os dólares e não tinha como viajar. Um comerciante sugeriu, então, que Karl comprasse suas terras no Indaial. Ele aceitaria seus dólares. "Terras por terras, dissera o Kraemer, veja se este vale não foi feito por Deus?" Todos concordaram. Diante do lote, não havia como resistir. A família se alegrou.

Karl ocupou-se com os trabalhos de demarcação e construção de um novo enxaimel. Juntos plantaram fumo, aipim e milho em minifundios. Ergueram uma tabacaria nos anos 30 enfrentando as dificuldades do ramo. Eis a família: Arthur (Wiggand, Alfonso, Ingeburd, Herta, Vitor, Otávio, Arnaldo, Angela, Reineldes, Aloysius, Arthur e Elsa); Albert (Edewald, Loni, Neni e Érica); Gustavo (Áurea, Átila, Alzira, (?) Cheni, Carlos, Arani, Noki); Alex (demente); e Elsa (Hary, Ildegard, Rudibert).

Anne escreveu para o Sul e Alberth, já viúvo, aceitou vir morar com o filho. Aqui Alberth falecera e estivera enterrado na Igreja Evangélica de Confissão Luterana até 1971. Dos lados da catacumba, dois outros parentes. Aos fundos do cemitério, vicejavam as palmeiras do desejo de grandiosidade e riqueza.

O neto Arthur casara-se com uma poloneza católica, de nome Olga Catharine Jacowitz e, à guisa de tantas famílias, eles também tiveram muitos filhos, dos quais um veio a ser meu pai.

Indaial, outubro de 1972.

Aloisius Carlos Lauth

ACONTECEU... ===== Novembro de 1980

— DIA 1º — No Teatro de Bolso "Prof. Rodolfo Gerlach", o Grupo Phoenix levou à cena a peça do prof. José Ferreira da Silva, "Comuna de Bravos".

— DIA 3 — Foi assinado pelo prefeito Renato Vianna e o representante da firma Aerofoto Cruzeiro do Sul S/A., o contrato para a execução de serviços de mapeamento e levantamento aerofotogramétrico do município. O valor do contrato foi de Cr\$ 13.400.000,00.

— DIA 3 — Foi aberta a Sétima Amostra de Trabalhos dos alunos da Escolinha Municipal de Artes. A solenidade aconteceu na Galeria Municipal de Artes.

— DIA 3 — Foi sancionada pelo prefeito de Blumenau a Lei nº 2.626 que autoriza o Executivo a firmar convênio com o Lar Betânia, mantido pela Associação Assistencial da Igreja Evangélica Assembléia de Deus.

— DIA 4 — A imprensa de Blumenau noticia que o presidente do Clube Filatélico de Blumenau Renato Mauro Schramm, que mantém uma coluna informativa semanal no Jornal de Santa Catarina, teve sua coluna classificada em terceiro lugar com medalha de bronze, na Exposição Internacional de Literatura e Imprensa Filatélica, organizada pela Associação de Cronistas Filatélicos da Argentina. A coluna de Renato Schramm foi considerada assim a terceira melhor do mundo, dentro de sua área.

— DIA 5 — Alunas da Professora Lia Sanches Kraemer deram brilhante audição de piano no Teatro "Prof. Rodolfo Gerlach", à rua Itajaí.

— DIA 5 — Pelo Museu de Ecologia "Fritz Müller", foi lançado o Concurso de Fotografias — Santa Catarina: Natureza Preservada — Natureza Destruída", edição de 1981.

— DIA 7 — No Restaurante "Moinho do Vale" reuniram-se em um jantar os membros do PX Clube de Blumenau, reunião ordinária na qual foi feita a entrega, ao representante da Casa São Simeão, de um cheque como contribuição, fruto da arrecadação obtida na churrascada que o Clube havia promovido.

— DIA 8 — No Colégio "Barão do Rio Branco", foi aberta a Exposição de Trabalhos artísticos produzido pelos alunos do prestigioso educandário.

— DIA 8 — No Teatro de Bolso "Prof. Rodolfo Gerlach", foi apresentada pelo Grupo Teatral RIBALTA, a peça "O Grande Marido", na Segunda Mostra Blumenauense no Teatro Amador.

— DIA 8 — No Centro Cultural 25 de Julho o Coro Infanto-Juvenil apresentou o magnífico espetáculo intitulado — Jovens Cantam e Dançam — presenciado por numerosa e seleta assistência.

— DIA 9 — Foi encaminhado pelo Prefeito Renato Vianna à Câmara de Vereadores, o projeto de lei que cria a Fundação Pró-Construção do Estádio Regional de Blumenau, cuja entidade terá numerosas atribuições.

— DIA 9 — Violento temporal desabado sobre a cidade e nos bairros, causou inúmeras inundações nas diversas ruas, chegando

até a invadir algumas residências em certas zonas da cidade e periferias.

— DIA 13 — Na presença de numerosos convidados, teve lugar a solenidade do lançamento do novo LP produzido pelo Coral "Camerata Vocale", contendo canções natalinas. Na oportunidade também foi lançada a antologia de contos intitulado "21 Dedos de Prosa", que inclui diversos autores blumenauenses e editada pela Associação Catarinense de Escritores. A solenidade realizou-se na Galeria Municipal de Artes, à rua Angelo Dias, com seletor público.

— DIA 14 — Relatório da Secretaria de Agricultura da Prefeitura de Blumenau revela que os micro-tratores da Patrulha Mecanizada atenderam, no mês de outubro, 201 propriedades rurais, com um total de 987 horas. Enquanto isso, os tratores esteira trabalharam 389 horas em 30 propriedades. Foram aplicadas 1.743 vacinas diversas e aplicadas 154 ampolas de inseminação artificial bovina. O Horto Florestal, no mesmo mês, distribuiu 754 mudas de árvores de diversas espécies.

— DIA 17 — Professores da Universidade Federal de Santa Catarina entraram em greve exatamente às 11 horas e 7 minutos do dia, por tempo indeterminado.

— DIA 17 — Começaram as obras de construção da sede própria da Sociedade Promocional do Menor Trabalhador de Blumenau — PROMENOR — a ser localizada à rua Humberto de Campos. O estilo será típico e terá 426 metros quadrados de área, distribuídos entre dependências para cozinha, lavanderia, sala de refeições, de aulas, enfermaria, secretaria, almoxarifado, etc.

— DIA 17 — Dez operários do Departamento de Serviços Urbanos da Prefeitura de Blumenau, iniciaram os trabalhos de limpeza do terreno destinado à construção do futuro Estádio Regional de Blumenau, a ser localizado à margem da BR-470, próximo ao aterro sanitário.

— DIA 22 — O Grupo Paz e Bem, apresentou no Teatro de Bolso, à rua Itajaí, a peça "Momentos de Aperto", como parte da Segunda Mostra Blumenauense de Teatro Amador.

— DIA 23 — Vítima de parada cardíaca, faleceu o jornalista Paulo Ignácio Jacques. Contava 45 anos de idade, era natural do Rio de Janeiro e militava na imprensa blumenauense há muitos anos, sendo que ao falecer, editava o jornal de sua propriedade "Bastidores". Paulo Jacques deixa viúva sua esposa d^a. Nelia Magnani Jacques e os filhos Paulino e Angela. Seu corpo foi velado no necro-

tério do Hospital Santa Izabel e no dia seguinte sepultado no cemitério da Rua Progresso, no Garcia, com grande acompanhamento.

— DIA 24 — às 19,30 horas foram ativadas as seis mil lâmpadas que compõem a decoração natalina de Blumenau, iniciando-se pela Praça Juscelino Kubitscheck de Oliveira.

— DIA 25 — No Tabajara Tennis Clube realizou-se a solenidade de abertura da exposição de pinturas das artistas Neusa Lorita Leite e Julieta Wiederkehr Brüning. Na mesma oportunidade, o poeta Martinho Brüning lançou seu livro de poemas "O mesmo canto natural e outros poemas".

— DIA 27 — O Circulo de Orquidófilos de Blumenau inaugurou a exposição de Orquideas no Mausoléu Dr. Blumenau, cujo ato e a realização, foram prestigiados e apoiados pela Prefeitura blumenauense.

— DIA 27 — Como parte do Projeto Padre José Maurício, o coral Camerata Vocale apresentou um variado e selecionado concerto dos mais aplaudidos números de seu repertório, atraindo regular público ao Teatro Carlos Gomes.

DIA 28 — Acompanhado do assessor jurídico do município, o advogado João Carlos Hohendorff, o prefeito Renato de Mello Viana fez entrega à família Hein, um cheque de Cr\$ 400.000,00, relativo à primeira parcela de um total de Cr\$ 900.000,00, preço qual a Prefeitura adquiriu o terreno em que se localiza o estádio de esportes do Serrinha, no distrito de Vila Itoupava, cujas dependências deverão ainda ser mais ampliadas com a desapropriação de outras áreas contíguas àquela.

— DIA 29 — Realizou-se em Blumenau a reunião anual da Associação Brasileira de Psiquiatria, cujo acontecimento trouxe a Blumenau diversas personalidades e especialistas, desenvolvendo-se a reunião em dois dias, com diversas palestras.

— DIA 29 — Na Segunda Mostra Blumenauense de Teatro Amador, registrou-se, no Teatro de Bolso "Prof. Rodolfo Gerlach, a apresentação, pelo Grupo Vira Lata, da peça "Um Edifício Chamado 200".

— DIA 29 — No Centro de Ensino Profissional da Prefeitura Municipal de Blumenau, localizado à rua da Glória, realizou-se festividade comemorativa do Encerramento da Segunda Copa Garcia de Futebol de Salão, promoção da Associação Atlética do próprio Centro de Ensino.

Aconteceu... Dezembro de 1980

— DIA 1º — Às dezenove horas foi realizada uma solenidade no bairro de Itoupava Norte, na qual, a URB, na presença do Prefeito Renato Vianna e elevado número de moradores do bairro, fez entrega ao trânsito público de seis ruas pavimentadas, sendo as ruas São Roque e Romário da Conceição Badia e mais quatro transversais das mesmas ruas.

— DIA 3 — O líder do Governo na Câmara de Vereadores, sr. Rodolfo Sestrem, fez entrega, em nome do Executivo Municipal, ao administrador da PROMENOR sr. Augusto José de Souza Filho, de um cheque no valor de 84 mil cruzeiros, como auxílio destinado às obras de construção da sede própria daquela entidade assistencial, a localizar-se na rua Humberto de Campos.

— DIA 4 — Chegou a Blumenau, para uma rápida visita, o embaixador da República de Gana, sr. Vishn Kofi Wassianal, recebido pelo Prefeito Renato Vianna com o qual almoçou no Restaurante Frohsinn.

— DIA 5 — No Teatro Carlos Gomes, apresentou-se o famoso Corpo de Dança Maria de Caro, com a peça "O Amor por Três Laranjas", ópera do compositor russo Serge Prokofieff, baseada no drama do autor italiano Carlos Gozzi, escritor no século XVIII.

— DIA 5 — Instalou-se no Centro de Estudos do Hospital Santa Izabel, o Encontro Catarinense de Cirurgiões.

— DIA 5 — O Centro de Formação Profissional do SENAI de Blumenau encerrou mais uma etapa de suas atividades, ao realizar solenidade no auditório próprio e fazendo entrega de certificados aos concluintes dos cursos operacionais noturnos, destinados a empregados das indústrias da região de Blumenau, bem assim os que almejam ser admitidos nas mesmas indústrias. Os cursos encerrados foram de Eletricista de Automóveis, Eletricista Instalador, Torneiro Mecânico e Cursos de Mecânica Geral. O total de formandos atingiu a 74. Autoridades e convidados especiais fizeram-se presentes ao ato.

DIA 9 — O chefe do Serviço de Turismo da Prefeitura, Adolfo Ern Filho, recebeu telegrama da diretora do jornal Hotel News, Magdala de Castro, informando que a cidade de Blumenau havia sido escolhida por unanimidade pelos jornalistas especializados de turismo do Rio de Janeiro, como o "Município Destaque Turístico de 1980". A promoção é do "Jornal do Comércio" do Rio.

— DIA 11 — Alunos da pianista Karin Testone deram recital de piano no Teatro de Bolso, à rua Itajai, às 19 horas.

— DIA 12 — No mesmo Teatro de Bolso, realizou-se às 16 horas, o Espetáculo de Ballet do grupo DAMEN GIMNASTIK.

— DIA 12 — Ainda no Teatro de Bolso, às 20,30 horas, o Grupo do Teatro Amador 25 de Julho, apresentou a peça "O Noivo de Minha Esposa", como parte da Segunda Mostra Blumenauense de Teatro Amador.

— DIA 12 — Na sede da Supervisão Regional do Governo do Estado, a Prefeitura Municipal recebeu, na pessoa do Prefeito Renato Vianna e entregue pelo Secretário Interino de Transportes e Obras do Estado, Eng^o. Marous Brusa, o cheque no valor de 7,5 milhões de cruzeiros, oriundos do Plano de Mobilização Energética de Sta. Catarina, para serem aplicados em obras viárias do município.

— DIA 12 — O Centro Interescolar do Segundo Grau — CIS — promoveu, na sala da biblioteca do mesmo estabelecimento, a solenidade de colação de grau da primeira turma do Curso de Técnico em Contabilidade. O ato teve como patrono o industrial sr. Ingo Hering e como paraninfo o prof. Almerindo Brancher.

— DIA 18 — Pelo Prefeito Renato Vianna foi inaugurado o trecho retificado da Rua Gustavo Richard, no bairro de Vila Nova, às 17,30 horas e às 19,00 horas o monumento ao Soprador de Cristal, erguido na praça Jorge Lacerda, bairro de Itoupava Norte. O monumento de cristal é uma obra de 3 metros de altura de autoria do escultor Erwin Teichmann. Para a inauguração, a prefeitura convidou os diretores e operários das fábricas de cristais Blumenau e Hering. Ao pé do monumento uma placa tem a inscrição de um poema de Lindolf Bell.

— DIA 19 — A imprensa noticiou que os hospitais de Blumenau, até aquela data, já haviam registrado mais de cem casos de desidratação, em face do forte calor reinante à entrada do verão. Diz ainda que dia 18, a temperatura chegou a 45 graus.

— DIA 19 — Com um coquetel oferecido à imprensa, rádio e televisão, assim como convidados especiais e autoridades, foi lançado o número inicial de um novo jornal — "A Folha de Blumenau", cujos propósitos, segundo seus dirigentes, é o de divulgar Blumenau em todos os seus setores de atividade. "A Folha de Blumenau", circulará, segundo foi informado, todas as terças e sábados, a partir do dia 20 de janeiro.

— DIA 19 — Foi concluída a quadra polivalente da Escola Básica Municipal "Quintino Bocaiuva", de Testo Salto, sendo esta a décima entre os 34 outros estabelecimentos escolares do município a

receber tal benefício. A obra custou trezentos mil cruzeiros, sendo a despesa dividida entre a Prefeitura e a Associação de Pais e Professores daquele educandário da rede municipal de ensino.

— DIA 20 — Fortes chuvas continuaram caindo durante todo o dia, cujo temporal havia iniciado já dia 18. A Comissão de Defesa Civil iniciou atividade orientadora, alertando a população para o perigo de uma enchente que, até às dezoito horas daquele dia atingiu a marca de doze metros.

— DIA 21 — A cidade amanheceu sob as barrentas águas do Itajaí-Açu, cujo nível máximo foi registrado por volta das 3 horas da madrugada, com 12, metros e 97 centímetros, de acordo com as informações oficiais prestadas pela Comissão de Defesa Civil. Apesar de não ter se registrado vítimas por acidente, sabe-se que um cidadão — Sr. Alvacir Pizzolatti — funcionário da EBCT, foi contaminado com o vírus da urina de rato, tendo sofrido paralização de diversos órgãos internos e, apesar de assistido pelo reequipe de médico, veio a falecer. Por outro lado, os prejuízos sofridos pela população atingida pelas águas foi o maior de todos os tempos, na história das enchentes em Blumenau. A maior enchente até então ocorrida em Blumenau, no presente século, foi a de 1911, com 16 metros 60 cms. (Blumenau em Cadernos, Tomo IV, página 18).

— DIA 23 — Faleceu em Blumenau o sr. Max Kreibich, figura muito estimada nos círculos sociais e intelectuais. O Professor Max Kreibich exerceu durante muitos anos as funções de educador no Colégio Santo Antônio. Seu sepultamento ocorreu dia 24, no cemitério São José, com grande acompanhamento, após seu corpo ter sido velado na capela do Colégio no qual lecionou por longos anos.

— DIA 24 — A imprensa blumenauense noticia que os prejuízos sofridos pelo comércio da cidade, em face das enchentes do dia 21, atingiram a cerca de quinhentos milhões de cruzeiros.

— DIA 26 — O ministro Andreazza, na região do Vale do Itajaí, percorre toda a área atingida pelas cheias, indo até Ibirama, prometendo desenvolver a mais intensa atividade para que as obras da barragem do Rio Hercílio fiquem concluídas o mais rápido possível, antes que outra catástrofe se abata sobre o Vale do Itajaí.

— DIA 30 — O Prefeito Renato de Mello Vianna recebeu telex do ministro Mário Andreazza, comunicando que o BNH já havia biaxado resolução, liberando o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, para as pessoas cujas casas foram atingidas pelas enchentes em todo o Vale do Itajaí.

Você Sabia?

— Que o maior nível de cheias do Itajaí-Açu, desde a fundação de Blumenau, ocorreu dia 23 de setembro de 1880, com a marca de 16,80cms.? E que a primeira enchente, após a fundação, ocorreu no ano de 1851, com o nível de 16,00 metros? E que as demais enchentes, desde então, tiveram os níveis seguintes:

1855 — 20 de novembro: 13,00 metros; 1864 — 20 de novembro: 13,00 metros; 1888 — Maio: 12,00 metros; 1891 — 18 de junho: 13,50 cms.; 1898 — junho: 12,00 m.; 1900 — junho: 12,00 m.; 1911 — 2 de outubro: 16,60 cms.; 1927 — 9 de novembro: 12,00 m.; 1928 — 5 de novembro: 10,40 cms.; 1933 — 4 de outubro: 10,90 cms.; 1935 — 24 de setembro: 10,60 cms.; 1948 — 17 de maio: 11,20 cms.; 1954 — 23 de outubro: 11,86 cms.; 1955 — maio: 10,00; 1957 — 2 de agosto: 10,10 cms.; 1957 — 19 de agosto: 12,42 cms.; 1961 — 31 de outubro: 11,88 cms (jornal “A Nação” 4.11.61); 1975 3 de outubro: 12,25 (Jornal “A Nação” 5.11.75); 1978 — 26 de dezembro: 11,5 metros; 1980 — 21 de dezembro: 12,97 cms..

*

— Que a primeira agência do correio em Blumenau situava-se mais ou menos onde está atualmente a Universal Veículos? E que mais tarde foi transferida para um prédio que existia onde situava-se a Auto Mecânica Alfredo Breitkopf, recentemente transferida para a rua São Paulo?

*

— Que a 3 de maio de 1910, um meteoro caiu sobre as montanhas das cabeceiras do Garcia, tendo sido visto por várias pessoas que admiraram o seu intenso brilho e enorme grandeza?

*

— Que a denominação do município de Piçarras se deve ao sedimento argiloso de que se compõe grande parte do subsolo de sua orla litorânea? E que a essa constituição do solo se deve o fato de Piçarras possuir excelente água potável?

*

— Que a torre da igreja evangélica de Pomerode foi inaugurada em março de 1900 num dia de grande festa, nela participando, além da Banda de Música Lindner, vários grupos corais, tanto de Pomerode como de Blumenau?

*

— Que na cidade de Schlezwig, Alemanha, há uma rua com o nome de Marcos Konder, que é uma homenagem prestada pelo Conselho Comunal daquela cidade à memória de Marcos Konder Senior, pai dos quatro irmãos Konder, todos ligados à história da vida política e social catarinense e do país?

*

Excertos do Tomo VI de “Blumenau em Cadernos” — 1963

Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau

(Compilado por Sueli M^a Vanzuita Petry)

Registro do Requerimento de Sebastião Antônio Martins informação e despachos — Requer uma sorte de terras devolutas próximas ao último morador ao lado direito ou esquerdo do Rio de Camboriu na Margem do mesmo Rio podendo informar algum morador antigo daquele lugar ou como Ercos. Domingos João da Silva — Thomas Francisco Garcia e João da Cunha — Despacho do Exm^o Presidente — Informe a Câmara Municipal respectiva, ouvindo os Ercos e procedendo as mais deligências da lei. — Palácio do Governo de Santa Catarina 23 de novembro de 1840 — Antero José Ferreira de Brito — Despacho da Câmara Respondem os Ercos, vindo seus sinais reconhecidos — Paço da Câmara Municipal da Vila do Porto Belo 17 de Dezembro de 1840 — Bitancurt — Medeiros — Souza Medeiros — Rebelo — Raimundo Silva.

*

Informação dos Ercos de 30 de Dezembro de 1840 — Acordos da Câmara em que manda que se coloque os editais por tempo de trinta dias para o público a pretensão — Informação da Câmara Municipal — Ilm^o Exm^o Sr. — A Câmara Municipal da Vila do Porto Belo em Virtude ao respeitável despacho de V. Excia. datado de 23 de Novembro de 1840 do ano findo, tem a informar que procedendo as deligências da lei sobre a pretensão requerida pelo suplicante estão ou não devolutas porquanto consta a Câmara não apresenta reclamação alguma por isso julga esta Câmara estar nos termos de serem concedidas ao suplicante porém sobretudo V. Excia. dará o que fôr justo:

Porto Belo 25 de Fevereiro de 1841 — João da Cunha Bitancurt — João da Cunha Rebelo — Bernardo Dias da Costa — João Machado Airoso — Francisco Claudino de Souza Medeiros.

Banco do Estado de São Paulo SA

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89100 B L U M E N A U Santa Catarina
Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

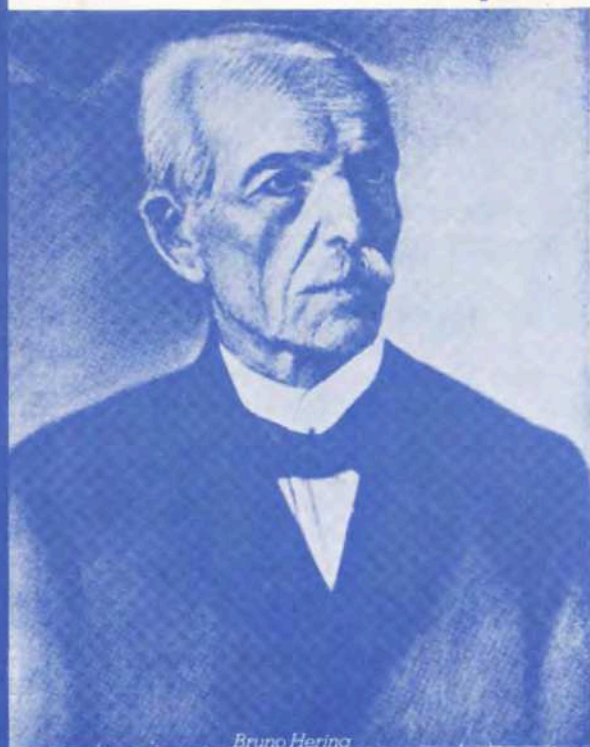
Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

Apresentamos os dois peixinhos da Hering.



Bruno Hering



Hermann Hering

Eles estão fazendo 100 anos.



No ano de 1880, em Blumenau, os irmãos Bruno e Hermann fizeram uma malha de algodão confortável, macia e muito resistente. Desenharam nela um símbolo com dois peixinhos: dois arenques - hering, em alemão.

Em pouco tempo, o pessoal da região estava pedindo as malhas dos irmãos Hering. Eles haviam descoberto que aquelas malhas eram ideais para o clima do país e agüentavam firme o trabalho duro no campo.

100 anos depois, a etiqueta dos dois peixinhos está por aí vestindo todo mundo. Virou moda e foi adotada pela juventude.

É verdade que para conquistar este lugar foi preciso atravessar um século difícil. Muitas vezes os peixinhos tiveram que nadar contra a corrente, enfrentando crises que pareciam insuperáveis, mas que, num balanço final, só conseguiram provocar uma coisa: soluções.

Outra verdade é que os primeiros 100 anos são os mais difíceis.

E hoje é o primeiro dia do centenário da Hering. Nós achamos que esta data merece ser comemorada.

Senhoras e senhores, com vocês, uma idéia que está dando certo há 100 anos: malhas Hering. Sutra 1880.

CIA Hering 
BLUMENAU - SANTA CATARINA



1980 - Ano do Centenário da Hering.